

## Contexto do fio da história em Brasília

A pedido do meu dileto aluno, amigo e companheiro histórico da formação do trabalhismo em Brasília, Carlos Michiles, tentarei, já não sem dificuldade, recuperar um pouco das memórias de Brasília na década de 1970. Para tanto serei obrigado a recorrer aos “Apontamentos” que escrevi para os 50 anos de Brasília. Não será, por certo, uma recuperação digna de historiador competente, apenas pontos de apoio à lembranças de grande valor sentimental.

Cheguei em Brasília em 1973, último ano dos “Anos de Chumbo”, vindo do Chile, onde cursara o Mestrado e vivido a intensa experiência de Salvador Allende, oriundo do Rio Grande do Sul. Chegava, portanto, não apenas muito jovem, com 29 anos, como carregado das emanções libertárias plantadas no maio de 68 em Paris.

A cidade, naquela época, era um aglomerado muito espalhado de cerca de 500 mil pessoas com epicentro no Plano Piloto, onde pontificavam dois jornais - Correio Braziliense e Jornal de Brasília - além da Radio Planalto, onde Meira Filho, futuro senador, fazia as vezes de vereador, conversando com a população periférica, oferecendo-lhes algum favor ou carinho espiritual, representando-os informalmente. A cidade não tinha nenhuma forma de organização ou representação políticas.

Brasília repercutia ainda o caráter cosmopolita da modernidade que lhe havia configurado as feições, sob a arte de Lucio Costa e Oscar Niemeyer. O Plano Piloto imperava majestosamente. O que contava na cidade eram todos intelectuais, seus devotos, dispostos a pendurar a cidade numa galeria histórica. Este sentimento alimentaria na década de 80, o Projeto de Brasília como Patrimônio da Humanidade.

Um pequeno grupo de professores, funcionários, principalmente do IPEA e do Itamaraty, profissionais liberais e jornalistas constituíam o petit comité que acontecia nos bons restaurantes da cidade, como o “Les Français”, “Viena”, “O Espanhol”, na sala de cinema de arte da Escola Parque, da 505 Sul, nos vários Clubes, que se enchiam de gente no fim de semana numa época em que poucos viviam fora do Plano Piloto. Minha ampla casa, nos confins do Lago Sul era uma exceção, que reunia, regularmente, nos fins de semana, parte deste seletto grupo.

Na primeira metade da década - a cidade encerra este período em 22 de setembro de 1976 com o enterro de Juscelino Kubitschek - Brasília ainda carregava as feridas da repressão, cujo maior golpe consistiu na crise da UnB, com a invasão do campus, prisão de alunos e demissão em massa de professores, pouco antes da edição do AI- 5 no fatídico 13 de dezembro de 1968:

*Em 1968, no bojo de uma maré de contestações estudantis e mesmo operárias, no ABC, a Universidade de Brasília é ocupada por forte contingente policial-militar com tropas*

*oriundas de Montes Claros e Diamantina comandadas pelo General João de Almeida. A repressão ocupa salas de aula, laboratórios, instalações acadêmicas, sob a alegação de cumprir mandato de prisão contra dois líderes estudantis, um deles preso na ocasião, Honestino Guimarães, Presidente da Federação dos Estudantes da Unb FEUB - expedido pela Justiça Militar.*

*No confronto são feitos disparos que resultam no ferimento de outro estudante, Valdemar Alves. Os estudantes são arrancados dos alojamentos e encurralados na quadra de basquete durante várias horas, ensejando a solidariedade de vários professores, dentre eles Geraldo Sobral e alguns deputados, os quais não escaparam da pancadaria. A ocupação da UnB comoveu a cidade, ainda pequena, e acabou repercutindo no Congresso Nacional, onde um deputado da oposição, Mário Moreira Alves fez célebre discurso estigmatizando as forças armadas, o que contribui, certamente, para a edição do Ato Institucional nº5. O episódio está narrado no filme documentário, feito por Wladimir Carvalho com vários protagonistas deste malfadado evento: "Barra 68". Muito contribui para esta reconstrução a filmagem feita durante a brutal ocupação por um dos estudantes que mais tarde viria a ser cineasta: Hermano Penna. O episódio consagra, também, a grande liderança de Honestino Guimarães, um jovem idealista e carismático, vindo de uma família simples de Goiânia para aqui realizar o grande sonho da realização profissional e pessoal. Honestino é um dos meninos de ouro de toda uma geração dos primeiros anos de Brasília que via na cidade um marco para as profundas mudanças do país. Junto com Helio Doyle, Gougou, Maninha e alguns outros eles iriam marcar época, primeiro no Colégio Elefante Branco, depois no CIEM e, finalmente, na resistência da Universidade de Brasília ao regime militar.*

Com estes episódios desmonta-se a mística de uma Universidade pioneira concebida para mudar todo o sistema universitário brasileiro. Sobreviveram na cidade poucos núcleos clandestinos de resistência estudantil, tanto entre estudantes da UnB - Libelu e comunistas - e alguns Sindicatos, como o dos professores, onde pontificava a presença do advogado José Oscar Pelucio e outros grupos, mais de estudos do que de ação. Desses grupos emergiram os primeiros núcleos de aglutinação ativa como o CEBRADE, uma frente de massas criada por Oscar Niemeyer que se reunia nas dependências católicas do Centro Cultural na L2 Norte, corajosamente oferecidas pelo Padre Aleixo sob a liderança dos advogados Sigmaringa, pai J. Carlos e filho, Luiz Carlos, este designado mais tarde como "o melhor homem de Brasília", tal como Sartre dissera de Camus.

Existia também, o Núcleo de Anistia, que vinha se reunindo no Clube de Imprensa, onde se destacavam Helio Doyle, Maninha e Eliane Cantanhede, dentre outros, e em cujas primeiras reuniões comparecia, já um pouco alquebrada, vindo a falecer pouco depois, uma das personalidades mais respeitáveis daqueles anos sombrios: Ivone Jean.

Um pouco mais tarde, inaugurou-se a livraria Galilei, gerenciada pelo Jackson Machado, que sofrera na pele, durante uma efêmera prisão, a barbárie do regime, em nome de grupo anônimo do qual eu participava. Dois Departamentos da UnB, entretanto, resistiam criticamente: de Sociologia e, particularmente, o de Economia, sob o comando do economista Edmar Bacha, cujo discernimento acadêmico e vocação democrática, abrigaria não só alguns mestres dissidentes da doutrina oficial, como Lauro Campos, célebre por sua exaltação de "O Capital" de Marx, sobre o qual discorria de memória parágrafos extensos e alguns outros, eu entre eles. O próprio Bacha estimularia, já nos anos

1976, um seminário histórico aos sábados pela manhã, sobre a realidade nacional, ao qual transpiravam, como suspiros, debates altamente subversivos como, por exemplo, a distribuição da renda no país. Lembro-me do dia em que aí compareceu, com o intuito de abrir fendas no rígido controle autoritário, o Ministro da Indústria e Comércio, Severo Gomes, obrigando-se o então Reitor Azevedo a saudá-lo, referendando, com o gesto a legitimidade dos encontros. Ao fundo destas iniciativas, sem qualquer caráter propriamente político, mas de forte conteúdo comunitário e lutando pela Representação Política de Brasília, reunia-se, regularmente na Associação Comercial do Distrito Federal, tendo como destaque a figura do líder empresarial Lindberg Azis Cury, presidente da Associação Comercial do Distrito Federal - ACDF.

Assim, em novembro de 1977, o presidente Lindberg Aziz Cury lança à campanha pela representação política no Distrito Federal realizando diversas reuniões em sua sede, reunindo-se com o Ministro da Justiça Petrônio Portela, encarregado pelo Presidente Geisel de dialogar com as lideranças regionais e lança uma inédita Proclamação de Brasília, documento síntese do Simpósio sobre Problemas dos Empresários do Distrito Federal promovido pela ACDF em 1977, que afirma um de seus trechos:

***Brasília, a capital que todos nós escolhemos para viver, que ajudamos a edificar tijolo por tijolo, pedra por pedra, que escolhemos para educar os filhos - a maioria deles aqui nascidos após a epopéia da inauguração - não pode sofrer a permanente e sistemática injustiça da exceção.***

***No dia 21 de abril de 1978, a cidade completará 18 anos de existência, quando, então, todos os brasilienses natos terão adquirido a maioria eleitoral, sem contar ainda os que antes aqui nasceram, porque seus pais, acampados na poeirenta Cidade Livre, antecederam a inauguração oficial da nova capital.***

***Dessa forma, o impedimento do eleitor brasiliense tipifica uma violação e, mais do que isto, uma injustiça constitucional inexplicável. Urge pôr termo à iniquidade.***

***Não se pode mais conter a irrefreável vontade popular de participação no processo político.***

***O único meio pelo qual se pode concretizar tão almejado anseio é pelo sufrágio universal do voto, em que os eleitores, escolhendo os seus candidatos, alça-os à condição de seus legítimos e diretos representantes no Poder Legislativos.***

Não obstante seu caráter empresarial e conservador, a Associação Comercial era uma verdadeira tribuna de Brasília. Cumpriria importante papel simbólico ao convidar o General Euler Bentes, anticandidato do MDB à Presidência em 1978, numa campanha, aliás, que começou e se encerrou em Brasília, justamente numa frustrada ida do candidato ao campus da UnB, logo de uma estrondosa manifestação na ACDF.

Culturalmente, nos anos anteriores ao enterro de JK, Brasília era tímida e continuou assim até 1980, reduzida à poucas iniciativas literárias, como a criação da Academia de Letras e algumas iniciativas de underground como a

“geração mimeógrafo”, onde se destacaria Nicolas Behr que iria ter importante papel no despertar da poesia como inspiração musical na cidade, como, certa vez, me confessou um de seus expoentes, Paulo Tovar, autor do Vão da Juriti.

A posse do General Geisel no início de 1975 não trouxe grande alento à vida brasiliense, mas começaria gestar um novo ciclo que teve seu marco no funeral de Juscelino.

Nas minhas aulas na UnB, nesta dobradiça dos tempos, estreitaria as relações com um grupo de alunos da Economia e Sociologia, motivados com as leituras mais críticas sobre Desenvolvimento Econômico e Economia Brasileira, com ênfase na leitura de Fernando Henrique Cardoso e seus críticos como Theotônio dos Santos, Ruy Mauro Marini e Vania Bambirra, numa interminável discussão sobre a “Dialética da Dependência”, além de Celso Furtado, Antônio Castro e Maria da Conceição Tavares, então incorporados aos clássicos Gilberto Freire, Caio Prado Jr. e Sergio Buarque de Hollanda. Essas pessoas se tornariam, nos anos vindouros, grandes amigos, alguns deles acompanhando-me na reconstrução do trabalhismo a partir da Carta de Lisboa de 1979 sob a liderança de Brizola: Carlos Michiles, Carmem Silva, Pingo, Franck Soudant, Ivônio Barros, Marlene Libardoni, Jackson Machado, Suely Navarro, Luiz e Graça Lino, dentre outros já traídos pela minha memória.

No começo da redemocratização reinava um grande sentimento de unidade de consciência, tanto no âmbito da UnB, como nos redutos da resistência em outros pontos da cidade. No final da década, porém, com a reorganização partidária em marcha, os núcleos começaram a se distinguir e se separar, guardando, entretanto, do período heróico um sentimento de grande fraternidade que ecoaria no ano de 1994, no apoio à candidatura Cristovam Buarque ao governo do Distrito Federal.

A redemocratização em Brasília custou a se efetivar, pois havia, não só menor capacidade de resistência institucional, por causa da ausência das Assembleias Legislativas e partidos políticos, como também fortes aparelhos de repressão, os quais explicam ações destemperadas e extemporâneas de um General Newton Cruz, nas manifestações das “Diretas Já” em abril de 1984.

Um grande acontecimento, pouco antes da morte de JK, potencializaria e prenunciaria a vocação democrática da cidade: A [28ª Reunião Anual da SBPC](#), 7 a 14 de julho de 1976, mobilizando milhares de pessoas no Campus da UnB e enchendo Brasília com personalidades até então conhecidas em livros. Foi início da retomada do fôlego interrompido com a invasão de 68:

*Em 22 de setembro de 1976 morre Juscelino Kubitscheck , construtor de Brasília. Seu funeral, acompanhado por 80 mil pessoas, na grande parte gente simples, humilde, sofrida, muitos dos quais haviam que haviam com ele convivido nos canteiros de obras, nas vielas e bares da Cidade Livre, foi uma comovente cena de gratidão popular . O féretro, arrancado do carro fúnebre por*

*populares, seguiu um longo cortejo, nos ombros dessa grande massa até o Campo da Esperança. Nesse instante, abre-se um ritual de passagem. Brasília não será mais um sonho, uma obra, uma incerteza. Brasília é seu próprio destino na consciência de sua gente.*

*Brasília começa a funcionar como um centro nevrálgico da nação, como sua cabeça, capital, assumindo os papéis que a este título sempre dela se esperou: transformar-se num grande centro cultural e político, capaz de simbolizar o conjunto do país e não apenas uma de suas partes. Isto aconteceria, sobretudo, nas artes, espaço em que os signos oriundos dos mais distantes rincões do país se sintetizam em novas mensagens simbólicas. No plano político a cidade cumpriria seu papel na luta pelas "DIRETAS JÁ", em 1983/84 e na despedida silenciosamente cívica a Tancredo Neves, em 1985.*

Os anos 1976/1980 mudariam muito o caráter de Brasília. A fisionomia urbana respondia aos elevados contingentes migratórios que não paravam de chegar à cidade, ocupando rapidamente não só as novas Cidades Satélites como Ceilândia e Guará, Octogonal, como estendendo-se sobre os inúmeros loteamentos na fronteira do DF com Goiás, como Cidade Ocidental e Valparaíso, que viriam a constituir a escala metropolitana de Brasília, desdobradas em inúmeros outras aglomerações que, com o tempo, se transformariam em municípios. Não se tratava apenas de um adensamento demográfico, que apontaria para a elaboração do I Plano Diretor do DF, denominado PEOT, com vistas à definição não só de um tamanho ambientalmente viável da Nova Capital, até então restrita ao desenho de Lucio Costa, como da localização de possíveis núcleos no quadrilátero. Isso passava, certamente, por uma pugna com os herdeiros de Lucio e Niemeyer que preferiam resguardar a cidade no mítico número de 500 mil habitantes quando ela, em verdade, já chegava ao seu primeiro milhão, com vários pontos de ocupação irregular dentro do Plano Piloto.

A cidade, enfim, não só vivia um momento distinto da conjuntura nacional, como internamente se desdobrava demográfica, urbana e culturalmente redefinindo-se, gradativamente, da meta-síntese modernizante dos Anos Dourados para uma nova síntese, mais sertaneja, na qual predominaria a matriz nordestina trazendo à pulsação da cidade um alento mais popular. A cidade democratizava-se, ganhando novas aspirações que se fariam patentes nas eleições de 1986 e, particularmente, em 1994, com a vitória do PT.

A redemocratização nacional, enquanto isso, se desenvolve a partir dos marcos estreitos do projeto governamental, ciosamente guiado pelo General Golbery do Couto e Silva e vai ganhando as ruas, as instituições, os corações. A Oposição extravasava dos inflamados discursos do grupo que ficaria conhecido como "autênticos", dos quais despencava, vez por outra, um cassado pelo regime, como saía dos livros e das salas de aula para encorpar novos horizontes. Nesta fase Brasília assiste o ressurgimento de vários movimentos sociais.

Já na eleição do General João Figueiredo, as galerias da Câmara, que abrigou o espúrio Colégio Eleitoral, encheram-se de populares irados com o

acontecimento e que precisaram da determinação e coragem dos deputados Chico Pinto e Lysâneas Maciel, que rebentou a patadas as vidraças que impediam a entrada dos manifestantes.

A chegada dos exilados no final de 1979, com a aprovação da Anistia e redefinição do quadro partidário no país, mudaria muito o cenário nacional em crescente efervescência social. Da ampla frente de Oposição ao regime, MDB, ressurgiu o PMDB, liderado por Ulysses Guimarães com o apoio dos comunistas do PCB e PCdB, além do MR 8, com forte crítica às tentativas de Brizola e Lula organizarem seus próprios Partidos, o PDT e o PT.

Brizola representava o fio da história que pretendia recompor os caminhos das lutas anteriores a 1964 com a restauração das memórias de Vargas e Jango, retemperados pela roupagem internacional da social democracia, com pitadas de socialismo moreno, ao qual adicionava um compromisso, não mais com as armas, mas com as penas da educação.

Brizola sofria com a forte contestação dos comunistas que o acusavam de acordo com o regime, em conluio com o capital alemão pelo seu vínculo com a social democracia e pouca simpatia dos fundadores do PT, que adotavam o mesmo discurso da ditadura acusando, desdenhosamente, Brizola de populista, baseando-se particularmente nas teses da sociologia da USP, notadamente Francisco Weffort.

Apesar dessas acusações que não passavam de preconceito, Brizola detinha um inequívoco capital eleitoral e capacidade para ampliá-lo. Este foi o meu caminho, junto com alguns poucos amigos oriundas da UnB, dentre eles o inquieto e diligente Carlos Michiles.

No Congresso de Lisboa em 1979 que tratou da refundação do trabalhismo, lá comparecíamos com um histórico manifesto de apoio, fruto de incontáveis reuniões que realizamos na sede do “movimento trabalhista” no 13º. Andar do Edifício Márcia, no Setor Comercial Sul, em Brasília.

Nesta época, Lula era o novo, em todos os sentidos. Jovem, combativo, carismático, liderara as greves do ABC e despontava como uma renovação autêntica do trabalhismo, sem intermediários, com apoio de alguns marxistas independentes, sobretudo trotskystas reticentes com os modelos ortodoxos do PCB e PCdB. Além de intelectuais de grande renome, oriundos da USP, como Francisco Weffort e Sergio B. de Holanda, artistas e por último, mas não menos importante, as correntes da Igreja imantadas pela Teologia da Libertação, às quais se somavam as Comunidades Eclesiais de Base.

Além de Brizola e Lula, um nome que despontava como detentor de alguma importância junto à Oposição era Fernando Henrique Cardoso, detentor de um grande capital intelectual em razão de sua produção acadêmica como precursor da teoria da dependência e presença na vida cultural do país. Fundador do CEBRAP, órgão de pesquisa e divulgação em Filosofia e Ciências Humanas em São Paulo.

Entre 1974 e 78 Fernando Henrique e Almino Afonso haviam, com base neste capital cultural, recriar o Partido Socialista e, com tal objetivo estiveram na cidade, mas, às vésperas das eleições de 1978 desistem do projeto. Preferem aderir, em troca de uma sublegenda de FHC ao Senado por São Paulo, ao PMDB, seguindo a tática da UNIDADE DAS OPOSIÇÕES. Esta tese, que consagrava a união de setores liberais e de esquerda neste Partido, até que a ditadura estivesse definitivamente derrubada, perduraria até depois de 1982, quando a realidade da vitória de Brizola ao Governo do Rio e o avanço do PT a soterraria.

Cito estes fatos porque eles tiveram um grande impacto na vida de Brasília. Lentamente, de um lado, os pequenos redutos foram se redirecionando segundo suas opções ideológicas e o tecido que os juntava foi também se esgarçando até que disputas eleitorais, a partir de 1986, os desfizesse; de outro lado, a cidade crescia muito rapidamente e se modificava incorporando novos movimentos sociais, novos protagonistas, novos horizontes, aglutinados em torno de interesses corporativos. Entre estes sindicatos, movimentos por moradia, dos incansáveis da Ceilândia, religiosos, crentes e empresários como Paulo Otavio, Luiz Estêvão e Osório Adriano. Uma colcha de retalhos, com forte dominância das populações majoritárias das Regiões Administrativas substituía, rapidamente, o petit comitê de iluminados do Plano Piloto, pouco a pouco superados em sua capacidade de formação de opinião e liderança.

Maurício Correa foi o único, talvez, destas primeiras expressões críticas da cidade - e muito em decorrência de sua condição como Presidente da OAB - que ainda conseguiu escapar com certa autonomia deste processo, vindo a merecer o título de primeiro político da cidade com expressão nacional. Sigmaringa Seixas, graças à sua transferência do PMDB, passando pelo PSDB, até chegar ao PT, sagrou-se deputado federal, mas, ainda assim, foi perdendo, gradativamente, relevo político.

Cristovam Buarque, neste contexto, fez o mesmo caminho do PMDB ao PT, sagrando-se governador e senador, mas nunca, anteriormente à sua eleição para Reitor, participou da vida pública da cidade, o mesmo podendo-se dizer de Lauro Campos, do qual ressalvo, pelo menos, sua militância acadêmica.

De uma maneira geral, Brasília, no alvorecer de 1980 era já uma menina moça distante da encantadora garotinha de sete anos antes. Perdera muito de sua inocência. Amadurecera. Mudara social, cultural e politicamente. Deixava para trás dias sombrios, mas de grande evocação afetiva, onde poucos resistentes ao autoritarismo e ao regime juntavam-se em pequenos grupos de sólida amizade e não poucos amores.

Sinto saudades.